Até quando o Brasil vai tolerar a violência contra mulheres negras?

Ser mulher negra no Brasil ainda significa enfrentar uma luta diária pelo direito de existir, ocupar espaços e viver sem medo. Quando a cor da pele, a liberdade de expressão ou uma escolha política se tornam motivos para ameaças, violência e morte, não estamos diante de casos isolados. Estamos diante de uma sociedade que ainda não conseguiu romper com o racismo e o machismo que sustentam tantas injustiças.

O caso da jovem Ana Elisa Santos Silva, de 21 anos, eleita deputada federal por Minas Gerais, é revoltante. Vítima de ameaças de morte, estupro e ataques racistas, ela representa tantas mulheres negras que, ao conquistarem espaços de poder, passam a enfrentar o ódio daqueles que não aceitam sua presença. A Polícia Federal investiga o caso. Divergir politicamente é um direito. Ameaçar e tentar silenciar uma mulher é crime.

Em Mato Grosso, a indignação também se faz presente. Em Tangará da Serra, vídeos atribuídos a um homem, com ameaças de violência sexual contra mulheres que votaram no presidente Lula, exigem investigação rigorosa. Nenhuma escolha política justifica tamanha brutalidade. O corpo de uma mulher não pode ser tratado como instrumento de punição ou vingança.

Até quando aceitaremos essa barbárie? Quantas mulheres precisarão morrer para que a sociedade e os governantes compreendam a gravidade dessa violência?

O Brasil é uma nação construída pela presença de povos indígenas, africanos escravizados e europeus. Entretanto, a diversidade que tanto celebramos convive com um racismo estrutural que continua negando direitos, oportunidades e, sobretudo, a segurança das mulheres negras.

Os números comprovam essa desigualdade. Segundo o Atlas da Violência 2026, a taxa de homicídios de mulheres negras é 66,7% superior à de mulheres não negras. O levantamento também revela que 66,2% das mulheres atendidas pela rede de saúde relataram episódios repetidos de violência no mesmo ano. São vidas marcadas pelo medo e pela ausência de proteção.

Não podemos continuar assistindo a essa realidade como se fosse algo normal. Cada ameaça ignorada, cada denúncia desconsiderada e cada agressão sem resposta representam o fracasso de uma sociedade que insiste em fechar os olhos.

É urgente fortalecer as políticas públicas, garantir medidas protetivas eficazes, investigar ameaças e responsabilizar agressores. Também precisamos combater o racismo e a misoginia nas escolas, nas instituições e nos espaços políticos.

Como mulheres negras, não queremos privilégios. Exigimos respeito, segurança, igualdade e o direito de viver sem medo. Nossa luta não é apenas por nós, mas pelas nossas filhas, mães e por todas aquelas que tiveram suas vozes silenciadas pela violência.

A omissão não é neutralidade; é cumplicidade. Defender a vida das mulheres negras é defender a democracia. E o Brasil precisa transformar indignação em justiça, antes que outras vidas sejam perdidas.

Antonieta Costa é presidente do Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso (IMUNE-MT)